



## RESUMO EXPANDIDO SUBMETIDO AO XXVI ENID - 2024 - UFPB NAVEGANDO PELAS VIVÊNCIAS DA XIX.<sup>a</sup> DINASTIA EGÍPCIA ATRAVÉS DO CONTO DOS DOIS IRMÃOS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA

Elisama Lima da Silva;  
Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano

### **Programa de Monitoria**

CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Campus I - João Pessoa

### **INTRODUÇÃO**

Viver no Egito Antigo configurava-se em uma dinâmica social repleta de teias complexas. Não à toa, essa sociedade deixou-nos diversos registros de suas vivências, marcadas nas paredes dos templos, nos cacos de cerâmicas e nos papiros. Contudo, vê-se que, por longos anos, a escrita histórica sobre esse povo, datados tão longinquamente, focou em aspectos voltados para a política, cultura, religião, economia, de certa forma, pensando-os separadamente. Essa percepção sobre os antigos atravessou as paredes das escolas e ecoou na educação básica. Mas, são com os estudos mais recentes que se pode notar os espaços, os acontecimentos e os egípcios, funcionando como numa harmonia, praticando o ato de viver sempre à procura da Maat – o equilíbrio, a ordem.

Foi nesse caminhar, trazendo à tona os antigos egípcios como humanos, dotados de historicidade, os quais cometem erros, procuram melhorias, são ambiciosos, mas também generosos, que apesar de serem colocados num patamar de perfeição, ou imperfeição, foram pessoas mortais, como quaisquer outras, que chegou-se à presente atividade de monitoria, no componente curricular História Antiga I do Curso Superior de Licenciatura em História da Universidade Federal da Paraíba. Quando propôs-se um diálogo entre História e Literatura, objetivando refletir acerca do pensamento, filosofia de vida e as complexidades das relações sociais no cotidiano dos antigos egípcios através da análise do Conto dos Dois Irmãos, escrito por volta de 1215 a. C., pela escriba real Inena

### **METODOLOGIA**

Para tanto, em uma educação que visa quebrar as barreiras do tradicionalismo, compreende-se que trabalhar o diálogo entre História e Literatura configura-se como mais um meio para o entendimento das teias que envolvem as relações sociais cotidianas, colocando-se como uma ferramenta interdisciplinar, metodológica e inovadora para se pensar o ensino de História. Logo, seguiu-se, após a exposição do contexto histórico, um resumo do conto, trabalhado em partes principais – numa linha do tempo (imagem 1), deixando a curiosidade para a leitura permeada no ar. A partir disso, conhecendo mais sobre o período de produção do conto, os estudantes foram situados quanto ao lugar social do autor, dando base para a compreensão das intencionalidades do escriba real, que, segundo Zulli (2012), tinha um dever a cumprir: escrever um conto que auxiliasse o jovem príncipe herdeiro a entender a moral e a boa conduta de como

deve se portar o futuro faraó. Além disso, ficou às claras outros aspectos sobre as vivências dos egípcios nas entrelinhas do conto, já que, ao escrever as dinâmicas que acontecem ao longo da narrativa, Inena deixa no ar suas visões sobre a sociedade em que vivia.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na sala de aula, durante a apresentação, foi evidenciado que, como bem coloca Borges, a Literatura se constitui como um mecanismo de ler, interpretar e representar o mundo e o tempo, a qual intenciona criar uma realidade através de uma narrativa (2010, pp. 98-99). Em meio à análise do conto, juntos, – professora, monitora e estudantes – conseguimos notar os mais sortidos aspectos que permeiam as vivências no Egito Antigo.

Com a percepção do escriba do mundo em que vivia, aprendemos mais sobre a vida no campo; a relação fraternal entre Bata e Inepu – personagens principais; sua visão sobre as mulheres, que são colocadas como más e infiéis, ao tempo, que revela como elas são tratadas quando cometiam um crime moral, como a traição. Quando trabalhamos sobre as intencionalidades da literatura egípcia, refletimos sobre as semelhanças do conto com outros escritos que tinham como finalidade criar uma narrativa divina para os herdeiros do trono. Além disso, ao longo da aula, também foi levantada a problematização sobre como os artefatos egípcios foram tratados durante a posse européia, no caso, citando o próprio Papiro D’Orbiney (imagem 2), que leva esse nome graças a sua primeira dona, a Madame Elizabeth D’Orbiney. As vivências durante a monitoria me revelaram uma outra face do ato de ensinar, fizeram-me ter uma relação de troca interessante com os estudantes. E enquanto elaborava os slides, pensando em como colocar um documento histórico no debate da temática da aula, percebi a importância dessa experiência para o meu fazer docente. Sendo que, no momento da aula, vendo o interesse dos estudantes, ficou claro, para mim, quando, com o contar a história, senti-me professora, fazendo algo que gosto (Imagem 3), exalando a essência das trocas entre ensino-aprendizado, professor-aluno.

Imagem 1: Linha do tempo do conto com os principais acontecimentos. Fonte: Arquivo pessoal do Canva das autoras. Imagem 2: Apresentação sobre o papiro D’Orbiney: sua escrita, seu autor, os desdobramentos de sua descoberta no tempo presente. Fonte: Arquivo pessoal do Canva das autoras. Imagem 3: Momento da narração do conto. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Imagem - 1



Imagem - 2



**PAPIRO D'ORBINEY**  
De autoria do Escriba Real  
**INENA**  
Escrito em **HIERÁTICO**  
Em 1215 a.C.

**FOI OBTIDO PELA MADAME ELISABETH D'ORBINEY, PORVAVELMENTE, NA ITÁLIA. VENDIDO POR ELA PARA AO MUSEU BRITÂNICO EM 1857. LOCALIZA-SE, NO MUSEU, POR PAPIRO EA10183,10.**

THE D'ORBINEY PAPYRUS. BRITISH MUSEUM, (S. D.).  
DISPONÍVEL EM: <a href="https://www.britishmuseum.org/collector/object/y\_ea10183-10">https://www.britishmuseum.org/collector/object/y\_ea10183-10</a>. ACESSO EM: 03 DE NOV. DE 2023.

Imagem - 3



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em linhas finais, confesso que trabalhar a interação entre literatura egípcia e o ensino de história em sala de aula foi como uma fusão de sensações. Principalmente, quando em conjunto com os estudantes, conforme era apresentado contexto histórico e suas dinâmicas, conseguimos refletir acerca de diferentes particularidades do povo egípcio, dialogando, inclusive, com outras temáticas debatidas em outras aulas. E a partir disso, o conto colocou-se como uma ferramenta imprescindível, permitindo-nos analisar a antiga sociedade em um caminho do entendimento mais aberto, tratando, assim, acerca da formação da moral dos jovens príncipes, e, até mesmo, de outras camadas da população.

Trabalhar, portanto, o Conto dos Dois Irmãos, em sala de aula, revelou-se como mais um caminho para a apreciação dos antigos egípcios e seus enigmas. E foi nesse caminhar que, na degustação de uma leitura tranquila, a admiração e a vontade de conhecer melhor o povo do Nilo contemplou cada linha escrita por Inena.

## **REFERÊNCIAS**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez Editora, 2. ed. 2008.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História, ano 1, n. 3, 2010.

ZULLI, Patricia Cardoso Azoubel. O conto dos dois irmãos e a literatura no período dos Ramsés: uma análise literária. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.